

Repensando nosso olhar sobre as relações entre sociedade e natureza

Nossas idéias ou conceitos organizam o mundo, tornando-o inteligível e familiar. São como lentes que nos fazem ver isso e não aquilo e nos guiam em meio à enorme complexidade e imprevisibilidade da vida. Acontece que, quando usamos olhos por muito tempo, a lente acaba fazendo parte de nossa visão a ponto de esquecermos que ela continua lá, entre nós e o que vemos, entre os olhos e a paisagem.

Nossos conceitos são assim como lentes em nossa visão da realidade. Tão habituados ficamos com os nomes e as imagens por meio das quais nos acostumamos a pensar as coisas do mundo, que esquecemos que esses conceitos não são a única tradução do mundo, mas apenas modos de recortá-lo, enquadrá-lo e, assim, tentar compreender-lo, deixando sempre algo de fora ou que pode ser recortado por outro ângulo, apreendido por outro conceito. Os conceitos não esgotam o mundo, não abarcam nunca a totalidade do real. Essa situação está bem retratada, por exemplo, nos quadros do pintor René Magritte em sua série *A condição humana*.

Somos, de certa forma, reféns das nossas visões ou conceitos, ângulos sempre parciais que

Nesta série de pinturas, realizadas nos anos 30, o pintor René Magritte retrata uma estrutura pictórica que se repete: uma paisagem vista de uma janela, em que se sobrepõe um cavalete com a tela do pintor abarcando parte da paisagem vista. Nos quadros mudam os formatos da janela e as paisagens avistadas, mas aquela estrutura se mantém, para lembrar que nosso acesso ao real (a paisagem lá fora) ocorre sempre por meio de uma lente ou enquadramento cultural (a janela). O cavalete do pintor lembra-nos que há sempre uma margem de autonomia para, dentro de nossos limites sócio-históricos, criar nossa versão ou visão da paisagem, ou seja, da realidade. Para conhecer esses quadros, clássicos da arte moderna, podem-se consultar livros sobre Magritte, mas também seu site na internet: <<http://www.magritte.com>>.

usamos para acessar o mundo. O personagem de um antigo desenho animado dos anos 70, *Mister Magoo*, era um homem muito míope que vivia aventuras incríveis decorrentes dos enganos causados por sua pouca visão. A graça do desenho animado estava justamente nos equívocos resultantes da interpretação de *Mister Magoo* às situações apresentadas na história e de como essa interpretação variava muito mais segundo suas expectativas do que segundo os elementos objetivos das situações. A imprecisão da visão, tomada em sentido figurado, pode ser metáfora da condição humana de nunca ver tudo, da inexistência da completa objetividade, pois de outro modo não haveria nada mais para fazer senão ser um observador do que se revela em sua total transparência. Justamente porque não temos essa visão final e permanente das coisas, estamos sempre compelidos a rever, ou seja, interpretar os sinais que despontam do real, sem nunca esgotá-lo em uma palavra ou imagem final e inconteste.

Assim, um bom exercício para renovar nossa visão do mundo é, às vezes, trocar as lentes, para ver as mesmas paisagens com olhos diferentes. Isso significa “desnaturalizar” os modos de ver que tínhamos como óbvios. Podemos fazer isso questionando conceitos já estabilizados em muitos campos da experiência humana, criando, dessa maneira, espaços para novos aprendizados e para a renovação de alguns de nossos pressupostos de vida. Neste capítulo convido o leitor para um exercício desse tipo, questionando um modelo bastante vigente nas questões relativas ao meio ambiente – a visão naturalista da natureza –, para explorarmos, juntos, novas telas, janelas e paisagens.

Quando falamos em meio ambiente, muito frequentemente essa noção logo evoca as idéias de “natureza”, “vida biológica”, “vida selvagem”, “flora e fauna”. Tal percepção é reafirmada em programas de TV como os tão conhecidos documentários de Jacques Cousteau ou da *National Geographic* e em tantos outros sobre a vida selvagem que moldaram nosso imaginário acerca da natureza. Até hoje esse tipo de documentário serve de modelo para muitos programas ecológicos que formam as representações de meio ambiente pela mídia.

Essas imagens de natureza não são, como pretendem se apresentar, um retrato objetivo e neutro, um espelho do mundo natural, mas traduzem certa visão de natureza que termina influenciando bastante o conceito de meio ambiente disseminado no conjunto da sociedade. Essa visão “naturalizada” tende a ver a natureza como o mundo da ordem biológica, essencialmente boa, pacificada, equilibrada, estável em suas interações ecossistêmicas, o qual segue vivendo como autônomo e independente da interação com o mundo cultural humano. Quando essa interação é focada, a presença humana amíúde aparece como problemática e nefasta para a natureza.

A questão é: quais expectativas e valores sócio-históricos estão contidos nessa construção sobre a natureza? Afinal, essa não é a única maneira de pensá-la, embora tenhamos de reconhecer que tal representação está fortemente inscrita em nosso ideário ambiental. Para situar essa concepção, podemos dizer que se filia a uma visão aqui denominada naturalista. Esta baseia-se principalmente na percepção da natureza como fenômeno

estritamente biológico, autônomo, alimentando a idéia de que há um mundo natural constituído em oposição ao mundo humano. A “natureza do naturalismo” é aquilo que deveria permanecer fora do alcance do ser humano. Tal visão tem expressão, por exemplo, nas orientações conservacionistas, que se dedicam a proteger a natureza das interferências humanas, entendidas sempre como ameaçadoras à integridade daquela.

O que ocorre é que essas idéias sobre a natureza não são “naturais”, como buscarmos demonstrar ao longo deste livro, mas apenas uma maneira, entre outras, de entender as coisas. Podemos usar outras lentes, que nos vão proporcionar outras visões. Nesse sentido, adiantamos ao leitor que nossa lente vai procurar captar a questão por outro ângulo: o socioambiental. Nesse ponto de vista, a natureza e os humanos, bem como a sociedade e o ambiente, estabelecem uma relação de mútua interação e co-pertença, formando um único mundo. Essa lente vai-nos possibilitar, entre outras coisas, repensar a idéia de evolução, percebendo-a como interação entre a natureza e a ação das espécies que vão surgindo, particularmente a humana. A esse processo interativo os ecologistas chamam coevolução. Assim, observa-se que, em muitos dos ambientes naturais considerados “intactos”, é possível reconhecer vestígios das trocas e transformações geradas pela presença humana, a qual, com suas interferências, pode ter aumentado o nível de troca e a biodiversidade. Optar por essa perspectiva permite-nos, por exemplo, falar em sociobiodiversidade, como um fator de diversificação desejável para a vida que vai além da simples diversidade biofísica.

Trocando as lentes

A EA surge em um terreno marcado por uma tradição naturalista. Superar essa marca, median-te a afirmação de uma visão socioambiental, exige um esforço de superação da dicotomia entre natureza e sociedade, para poder ver as relações de interação permanente entre a vida humana social e a vida biológica da natureza.

A visão socioambiental orienta-se por uma racionalidade complexa e interdisciplinar e pensa o meio ambiente não como sinônimo de natureza intocada, mas como um campo de interações entre a cultura, a sociedade e a base física e biológica dos processos vitais, no qual todos os termos dessa relação se modificam dinâmica e mutuamente. Tal perspectiva considera o meio ambiente como espaço relacional, em que a presença humana, longe de ser percebida como exteriorânea, intrusa ou desagregadora (“câncer do planeta”), aparece como um agente que pertence à teia de relações da vida social, natural e cultural e interage com ela. Assim, para o olhar socioambiental, as modificações resultantes da interação entre os seres humanos e a natureza nem sempre são nefastas; podem muitas vezes ser sustentáveis, propiciando, não raro, um aumento da biodiversidade pelo tipo de ação humana ali exercida. Nesse caso, poderíamos pensar essa relação como um tipo de sociobiodiversidade, ou seja, uma condição de interação que enriquece o meio ambiente, como é o caso de vários grupos extrativistas e ribeirinhos e dos povos indígenas. A consequência de uma visão predominantemente naturalista-conservacionista é a redução

do meio ambiente a apenas uma de suas dimensões, desprezando a riqueza da permanente interação entre a natureza e a cultura humana. O caráter histórico e sempre dinâmico das relações humanas e da cultura com o meio ambiente está fora desse horizonte de compreensão, o que impede, conseqüentemente, que se vislumbrem outras soluções para o problema ambiental.

Em resumo, a visão socioambiental não nega a base "natural" da natureza, ou seja, suas leis físicas e seus processos biológicos, mas chama a atenção para os limites de sua apreensão como mundo autônomo reduzido à dimensão física e biológica. Trata-se de reconhecer que, para apreender a problemática ambiental, é necessária uma visão complexa de meio ambiente, em que a natureza integra uma rede de relações não apenas naturais, mas também sociais e culturais.

Ao trocar as lentes, vamos ser capazes de compreender a natureza como ambiente, ou seja, lugar das interações entre a base física e cultural da vida neste planeta. Nessa mudança, deslocamos do mundo estritamente biológico das ciências naturais para o mundo da vida, das humanidades e também dos movimentos sociais, bem mais complexo e abrangente. Esse deslocamento atinge não apenas as mentalidades, mas também as palavras e os conceitos.

A história das palavras é sempre uma história do pensamento e da vida social. Por isso, ao acompanharmos a breve história da palavra ecologia e suas derivações pelo mundo, podemos aprender um pouco de nossa própria história e como algumas certezas começaram a ser quebradas para que novos saberes se afirmassem.

Nesse movimento de questionar as barreiras da ciência, a ecologia traz profunda crítica ao próprio modo de aquela se afirmar como único campo válido para se alcançar a verdade. Nisso reside boa parte da presença revolucionária da ecologia, que até hoje tensiona o campo científico, propondo seu alargamento e a conexão dos saberes com o que estamos chamando de "mundo da vida", ou seja, o mundo dos acontecimentos tomados em sua totalidade, sem que sejam classificados, filtrados ou recortados pelas lentes reducionistas da ciência especializada.

Para aprofundar a compreensão da ecologia na história das ciências, cf. o livro de Jean-Paul Deléage, *História da ecologia: uma ciência do homem e da natureza* (Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993). Cf. também o livro de Pascal Acot, *História da ecologia* (Rio de Janeiro: Campus, 1990).

A ecologia dos biólogos

O surgimento da ecologia no âmbito das ciências está associado ao ano de 1866, quando, pela primeira vez, o biólogo alemão Ernest Haeckel, importante difusor das idéias evolucionistas de Charles Darwin, usou esse conceito na literatura científica. Naquele momento, Haeckel definia-a como a ciência das relações dos organismos com o mundo exterior. Essa definição desenhava um movimento de afirmação de autonomia da ecologia em relação à ciência biológica. Assim, apenas nos últimos anos do século XIX a ecologia alcançou maior status e autonomia, ainda que sua filiação seja predominantemente ao campo da biologia, constituindo um de seus grandes ramos. Outro conceito central que define o principal objeto dos estudos ecológicos é o de ecossistema. Este surge apenas em 1935, cunhado pelo ecólogo inglês Arthur Tansley. Tudo isso torna essas datas referências significativas para a formação da ecologia como ciência, no processo de constituição das ciências naturais, no qual ela pode ser reconhecida como uma "jovem ciência".

Seu desenvolvimento como ciência passa por muitos outros nomes e trata de outras questões e conceitos importantes. Mas, de modo geral, ela busca compreender as inter-relações entre os

seres vivos, procurando alcançar níveis cada vez maiores de complexidade na compreensão da vida e de sua organização no planeta. Assim, do estudo de ecossistemas singulares (unidades botânicas simples, por exemplo), a ecologia caminhou para o estudo de totalidades mais complexas e inclusivas, como é o caso das noções de biosfera e ecossistemas e, mais recentemente, da controversa "hipótese Gaia".

ssa teoria, datada dos 70, foi formulada por James Lovelock em colaboração com a pesquisadora Lynnulis. Lovelock propõe a Terra como um conceito mais amplo que o de "Terra". A ideia central da "hipótese Gaia" é de que a Terra é um ser vivo. O organismo de Gaia os seres vivos são como células e um de seus tecidos. A deusa da terra na mitologia grega, foi da para nomear esse conceito sistêmico, a fim de que se compreenda o planeta Terra como uma totalidade orgânica e autônoma.

Podemos ver como a palavra *ecologia* transbordou os limites da ciência biológica e ecológica, transitando do campo estritamente científico das ciências naturais para o campo social. No mundo social essa palavra foi apropriada e retraduzida por uma diversidade de práticas não científicas, como as ações e movimentos sociais, e acabou ganhando novos significados, agora ligados à utopia de um mundo melhor, ambientalmente preservado e socialmente justo. Um conjunto de ações políticas inspiradas pelo desejo de ver uma relação mais harmoniosa entre sociedade e ambiente passou a ser conhecido como lutas ecológicas. Tais ações constituíram um movimento social, o movimento ecológico, que se caracteriza pela compreensão holística do mundo e defende a construção de relações ambientalmente justas com a natureza e entre os seres humanos. Assim, há o deslocamento da ideia de ecologia, que passa a denominar não mais apenas um campo do saber científico, mas também um movimento da sociedade, portador de uma expectativa de futuro para a vida neste planeta. Mais do que a ciência ecológica, é o ecologismo que constitui a origem da EA e da formação do sujeito ecológico.

Bibliografia citada no capítulo

- ACOT, Pascal. *História da ecologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- DELÉAGE, Jean-Paul. *História da ecologia: uma ciência do homem e da natureza*. Lisboa: Don Quixote, 1993.

Sugestões de atividade

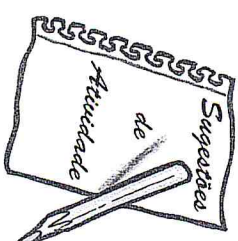
1) A incrível história de um tomate

O premiado curta-metragem *Ilha das flores* (35 mm, 12 min, cor, 1989), com roteiro de Jorge Furtado e produção da Casa de Cinema, é boa opção de apresentação aos alunos para posterior discussão. Em tom inteligente, crítico e bem-humorado, o curta mostra toda uma cadeia de relações sociais e ambientais que começa com um tomate sendo comprado no supermercado. A trajetória desse tomate envolve seu plantio, comercialização, utilização e descarte no lixo, onde outra cadeia se inicia, até que ele chegue ao seu *verdadeiro final*, entre animais, lixo, mulheres e crianças. Então fica clara a diferença existente entre tomates, porcos e seres humanos.

Esse curta, integrante de uma coleção chamada *Curtas gaúchos*, é encontrável em locadoras comerciais ou ainda obtido diretamente da produtora no endereço: <<http://www.casacinepoa.com.br>>.

2) De que janela você vê a paisagem?

Oferecer aos alunos uma ou mais gravuras da série *A condição humana*, do pintor René



Magritte, e pedir que discutam em grupo sobre como vêem seu meio ambiente e, em seguida, representem sua visão dele, desenhando-a na forma de uma paisagem vista da janela, como uma paródia da proposta do artista em sua série. As gravuras podem ser obtidas em livros de arte dedicados ao pintor que podem ser facilmente encontrados em grandes livrarias como, por exemplo, o livro de Calvocoressi, Richard. Magritte. Phaidon Press Limited, 2002, ou ainda na internet, na qual há vários sites que disponibilizam as imagens como: Banco de dados de arte visual/Renée Magritte disponível em: http://www.bancodedadosvisual.hpg.ig.com.br/rene_magritte; e site Renée Magritte, disponível em: <http://www.magritte.com>

Capítulo II

OUTRA ECOLOGIA É POSSÍVEL: A ECOLOGIA DO MOVIMENTO ECOLÓGICO